

# PEDRO DA SILVEIRA, INVESTIGADOR-CABOUQUEIRO DE NOVAS LITERATURAS: TRÊS EXEMPLOS E ALGUMAS ADENDAS

FRANCISCO TOPA\*

**Resumo:** *Embora não seja essa a sua faceta mais conhecida, Pedro da Silveira foi um notável investigador que fez importantes descobertas, generosamente partilhadas e nem sempre devidamente reconhecidas. Neste artigo, apresento três exemplos que repercutiram noutras literaturas: a brasileira (com a descoberta do códice «Manual de Obras», atribuído ao setecentista Cláudio Manuel da Costa), a angolana (com a identificação, nas páginas de um jornal, da novela Nga Muturi, de Alfredo Troni) e a açoriana (com a publicação de uma série de textos de autores antigos na Antologia de poesia açoriana). Para todos esses campos, apresentarei novos elementos, demonstrando assim a persistência do legado e do exemplo de Pedro da Silveira.*

**Palavras-chave:** *Pedro da Silveira; Cláudio Manuel da Costa; Alfredo Troni; João Cabral de Melo.*

**Abstract:** *Although this is not his best-known facet, Pedro da Silveira was a notable researcher who made important discoveries, generously shared and not always properly recognized. In this article, I present three examples that had repercussions on other literatures: Brazilian literature (with the discovery of the codex «Manual de Obras», attributed to the eighteenth-century poet Cláudio Manuel da Costa), Angolan literature (with the identification, in the pages of a newspaper, of the novella Nga Muturi, by Alfredo Troni), and the Azorean literature (with the publication of a series of texts by ancient authors in the Antologia de poesia açoriana). For all these fields, I will present new elements, thus demonstrating the persistence of Pedro da Silveira's legacy and example.*

**Keywords:** *Pedro da Silveira; Cláudio Manuel da Costa; Alfredo Troni; João Cabral de Melo.*

## INTRODUÇÃO

Vinte anos depois da sua morte, podemos dizer com convicção que Pedro da Silveira ficou na história da cultura portuguesa (ou de língua portuguesa) na rara condição dupla de poeta e de bibliógrafo. E, embora a primeira faceta seja talvez mais visível e, para muitos, mais *nobre*, a segunda não é menos importante nem menos digna do nosso apreço e da nossa gratidão, sobretudo agora que se vai impondo a crença de que *pesquisar* é sinónimo de *googlar* e de que «está tudo na internet».

É bem sabido que, para além dos anos que passou como funcionário superior da Biblioteca Nacional (hoje de Portugal, à época de Lisboa), Pedro da Silveira (1922-2003) dedicou uma parte significativa da sua vida à pesquisa bibliográfica, daí resultando um vastíssimo número de artigos e livros de temática variada, boa parte dos quais incidindo sobre temas, figuras e textos açorianos, tanto da literatura dita culta quanto da chamada

---

\* FLUP/CITCEM (UID/04059/2025; DOI: <https://doi.org/10.54499/UID/04059/2025>). Email: [ftopa@letras.up.pt](mailto:ftopa@letras.up.pt). ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6929-5618>.

popular. Mas o seu campo de atuação não se ficou por aí: para além da atenção que dedicou a literaturas estrangeiras, sobretudo como tradutor e como crítico, o autor de *Fui ao mar buscar laranjas* escreveu também sobre as relações da literatura portuguesa com literaturas feitas na mesma língua, de que o exemplo mais importante é, sem dúvida, o livro de 1981 *Os últimos luso-brasileiros*. Menos conhecido, porém, é o seu trabalho de cabouqueiro de outras literaturas, em particular o que foi feito com uma qualidade rara no investigador: a generosidade. Apresentarei três exemplos, um relativo à literatura brasileira, outro respeitante à angolana e o último referente à literatura açoriana.

## PEDRO DA SILVEIRA E A POESIA BRASILEIRA DO PERÍODO COLONIAL

O primeiro começou com a compra, em 1979, pela Biblioteca Nacional daquele que viria a ser catalogado como códice 11438. A descoberta seria tornada pública no ano seguinte, através de um breve artigo de Rodrigues Lapa saído na *Colóquio/Letras*, no qual o autor da *Estilística da língua portuguesa* presta o devido reconhecimento a Pedro da Silveira, a quem atribui «o achado [...], em boa hora colocado na Biblioteca Nacional» (Lapa 1980, p. 45). O volume em causa reunia um conjunto interessante de textos inéditos de um notável poeta brasileiro do período colonial, Cláudio Manuel da Costa. Três sonetos viriam a ser publicados logo em 1980, no referido artigo de Manuel Rodrigues Lapa, mas seria necessário esperar mais quatro décadas para que o alerta lançado por Silveira encontrasse eco mais consequente. De facto, só em 2019 viria a lume o livro *O velho Cláudio: inéditos da maturidade de Cláudio Manuel da Costa*, em que o investigador brasileiro Carlos Versiani dos Anjos publicava a maior parte dos restantes textos. Mesmo assim, ficaram de fora as traduções atribuídas ao poeta de Mariana, o que é compreensível num primeiro ou segundo movimento editorial, mas não como decisão definitiva.

Com efeito, a tradução literária — sobretudo a de verso, feita em verso — não é uma atividade menor; pelo contrário, demanda, para além do conhecimento linguístico, um apurado trabalho criativo que não está ao alcance de qualquer poeta. Por outro lado, fornece elementos sobre a receção e circulação de autores e textos, disponibilizando assim informação importante para a história da literatura e da cultura. Para o comprovar, apresentarei apenas um pequeno excerto de uma tradução atribuída a «C. M. da C.».

Trata-se de *Messiah, a Sacred Eclogue*, de um dos mais importantes poetas ingleses do século XVIII, Alexander Pope. Publicado pela primeira vez no *The Spectator*<sup>1</sup>, a 14 de maio de 1712, o poema, embora nessa primeira versão fosse dado como tendo sido feito *in imitation of Virgil's Pollio*, é apenas baseado na égloga IV do mantuano, apoiando-se também numa série de citações do livro de Isaías.

---

<sup>1</sup> Vol. 5, n.º 378.

A égloga de Vergílio é, ainda hoje, objeto de debate entre os classicistas. Escrita provavelmente em 42 a.C., é dedicada a Gaio Asino Polião, importante político que chegaria a cônsul dois anos depois e que foi também militar, literato e mecenas. O texto anuncia o nascimento de um menino salvador, cuja identidade tem vindo a ser objeto de múltiplas interpretações. Para alguns, o poema seria uma alegoria política, exprimindo um desejo de paz e a esperança numa nova Idade de Ouro, sinalizada pelo aparecimento de uma criança que tanto pode ser o filho de Polião como o rebento de Marco António e Otávia. Para outros, sobretudo na Antiguidade tardia e na Idade Média, o sentido seria mais de tipo espiritual: sublinhando a proximidade entre certas passagens da égloga e partes do livro de Isaías, esses intérpretes viram no poema um conteúdo messiânico que corresponderia à figura de Cristo. Embora esta última leitura tenha sido depois abandonada, foi ainda acolhida por Pope.

É possível que Cláudio Manuel da Costa tenha refletido sobre a genealogia da égloga inglesa e tenha até acolhido a interpretação cristã do poema de Vergílio, mas a verdade é que não dispomos de elementos que o confirmem. Temos, contudo, um material que é pouco comum: uma tradução em prosa e outra em verso, a primeira mais literal, como seria de esperar, e a outra mais livre. Ou, para retomar uma expressão de longa tradição, uma tradução mais *ad verbum* e outra mais *ad sensum* — expressões que designam dois modelos tradutórios que foram discutidos durante muito tempo (e que ainda hoje não estão totalmente ultrapassados), inclusive no período neoclássico em que viveu Cláudio (cf. Gaspar 2020, pp. 103-117).

Feita esta breve apresentação do material, vejamos agora um pequeno excerto, correspondente aos primeiros seis versos. Começemos pelo poema de Pope:

*Ye Nymphs of Solyma! begin the song:  
To heav'nly themes sublimer strains belong.  
The mossy fountains, and the sylvan shades,  
The dreams of Pindus, and th' Aonian maids,  
Delight no more—O Thou my voice inspire  
Who touch'd Isaiah's hallow'd lips with fire!* (Pope 1903, p. 85)

Vejamos agora a versão em prosa, globalmente correta, embora pouco expressiva:

*Vós, Ninfas de Solima, começai o canto, e aos assuntos celestiais se devem os mais sublimes tons; as musgosas fontes, as sombras dos bosques, os sonhos do Pindo e as filhas de Aónia não mais me recreiam. Ó vós que tocastes com santo fogo a boca de Isaías, inspirai a minha voz* (BNP. Cód. 11438, p. 62).

E, por fim, a tradução em verso, que é praticamente o dobro do original, embora o respeite no essencial e conserve as suas imagens:

*Soe entre vós, ó Ninfas de Solima,  
De assunto celestial sagrada rima;  
Igual do grande objeto à majestade,  
Seja do novo canto a suavidade.*

*Longe dos versos meus de Apolo os montes,  
Os frios bosques e as musgosas fontes;  
Não me recreiam já de Aónia as Filhas  
Nem do Pindo as sonhadas maravilhas.*

*Sei que tocaste de uma chama ardente  
A língua do Profeta balbuciente;  
Vigor mais alto a minha voz inspira  
E torna digna de teus sons a lira (BNP. Cód. 11438, p. 62).*

Quanto à versificação, notemos que a versão de Cláudio respeita o modelo escolhido por Alexander Pope, o chamado *heroic couplet* (dístico heroico). Trata-se de um poema assente em dísticos rimados, idealmente com uma identidade morfossintática e semântica, correspondendo cada verso a um pentâmetro iâmbico, isto é, a um conjunto de cinco iambos (não no sentido latino de alternância entre sílabas breves e longas, mas no sentido de sucessão de sílabas átonas e tónicas). Tendo sido introduzida por Chaucer, a forma tem uma longa tradição na literatura inglesa, sendo considerados como seus melhores representantes John Dryden, no século XVII, e Pope, na centúria seguinte. Na tradução em verso de *Messiah*, Cláudio Manuel da Costa recorre ao dístico rimado, embora nem sempre os pares de versos constituam uma unidade.

## O PAPEL DE PEDRO DA SILVEIRA NA REEDIÇÃO DE *NGA MUTURI*

O segundo exemplo da generosidade de Pedro da Silveira como investigador diz respeito a um conto (ou novela) que é tido como fundador da ficção em Angola: refiro-me a *Nga Muturi*, da autoria de Alfredo Troni. O texto teve uma primeira edição em 1882, em dois jornais de Lisboa, e só em 1973 veio a lume no formato de livro, numa edição com prefácio de Mário António<sup>2</sup>, poeta e investigador como Silveira, mas angolano. Embora o volume não identifique o editor do conto de Troni, foi sugerido desde a sua publicação pelas Edições 70 que teria sido o mesmo que escreveu o prefácio, isto é, Mário António. Tendo eu escrito em 2015 um artigo sobre Alfredo Troni, José Luandino Vieira fez o favor de me facultar há uns três anos cópia de uma carta datada de 29 de junho de 1973 que dirigiu a Carlos Ervedosa<sup>3</sup> e em que a questão é mencionada. Transcrevo uma passagem:

<sup>2</sup> Mário António Fernandes de Oliveira (Maquela do Zombo, Angola, 1934 – Lisboa, 1989).

<sup>3</sup> Escritor, geólogo, arqueólogo e professor angolano (Luanda, 1932 – Vila Real, 1992).

*Meia dúzia de linhas para te manifestar a estranheza quanto a uma afirmação, na página de Artes e Letras de 20/6/73 a propósito de «Nga Muturi» [...]»<sup>4</sup>. É o caso de se referir o M. António como o homem que descobriu e recolheu a noveleta na Biblioteca<sup>5</sup>. Não sei se ele a conhecia, se a teria descoberto, se a teria já recolhido. Mas, esta versão que foi publicada pela 70, foi recolhida sob orientação do Pedro da Silveira que foi a pessoa que aqui sugeriu a sua publicação na coleção que ele dirige: Textos Breves. Portanto é dele o mérito. A cópia foi feita à mão pela Ruth e depois vista e dactilografada pelo Pedro da Silveira. Quanto ao Mário, decidiu-se pedir-lhe um prefácio por múltiplas razões mas foi necessário fornecer-lhe o texto que ele não tinha (foi até a cópia manuscrita da Ruth que lhe foi facultada). São pormenores, é verdade, mas... pode chatear-se o Mário por lhe quererem dar penas de pavão; e o Pedro Silveira por o depenarem a ele. Posto isto — sobre o caso é só. Sans rancune, evidentemente.*

É, de facto, um pormenor, mas que confirma duas coisas importantes: por um lado, a curiosidade intelectual de Pedro da Silveira, que, quase um século depois da publicação original, percebeu o interesse de repor o texto em circulação; por outro, e uma vez mais, a sua generosidade na partilha da «descoberta» e na mobilização de vontades para a sua divulgação. E note-se que o seu esforço não se limitou ao texto; contemplou também alguma investigação sobre o autor, Alfredo Troni, como aliás reconhece Mário António quando escreve no prefácio: «informações que fico devendo à atenção de Pedro da Silveira» (Troni 1973, p. 12). Depreende-se de outra passagem que essas pesquisas não terão sido feitas diretamente por Silveira, mas antes pelo professor Paulo Quintela, a quem o autor de *Sinais de Oeste* as terá pedido, certamente pela facilidade de acesso ao Arquivo da Universidade de Coimbra, onde Troni estudou.

Seja como for, a Pedro da Silveira devemos a redescoberta desta importante figura da cultura e da literatura angolanas. Formado em direito pela Universidade de Coimbra, Alfredo Troni (1845-1904) teve uma breve passagem por São Tomé e Príncipe e Cabo Verde, chegando a Angola em 1874. Aí ficaria até ao final da vida, desempenhando uma longa série de funções judiciais, administrativas, políticas e cívicas, entre as quais a fundação e direção de três jornais.

Da sua atividade literária só nos ficou o conto identificado por Pedro da Silveira, o qual nos revela um observador atento da sociedade local e das suas condições e um ficcionista inovador e corajoso, que coloca no centro da intriga uma mulher negra, ex-escrava e mais ou menos viúva do seu antigo senhor que, por ensaio e erro, vai aprendendo a triunfar numa «sociedade em que só avultam os panos» (Troni 1973, p. 31).

<sup>4</sup> O autor da carta refere-se ao artigo *Uma obra pioneira da literatura angolana*, saído nas pp. 17-18 do dia em causa no jornal *A Província de Angola*.

<sup>5</sup> Efetivamente lê-se no artigo, não assinado: «"Nga Mutúri" é obra pioneira da literatura angolana e a sua descoberta deve-se a Mário António que a foi recuperar aos arquivos da Biblioteca Nacional».

## JOÃO CABRAL DE MELO, POETA SETECENTISTA DOS AÇORES

O último ponto e aquele que está mais próximo dos interesses principais de investigação de Pedro da Silveira diz respeito a um poeta setecentista dos Açores, João Cabral de Melo (nascido na Terceira, provavelmente em 1740, e falecido em Angra, em 1824). Incluindo-o na sua *Antologia de poesia açoriana* e dele publicando uma longa égloga inédita, Silveira é prudente na apreciação do seu talento, considerando que os poucos poemas conhecidos «não são de molde a confirmarem o talento que lhe atribuíam os coevos» (Silveira 1977, p. 56).

Deste autor tive oportunidade de publicar uma longa epístola em verso, composta provavelmente em 1773, e dirigida ao poeta brasileiro José Basílio da Gama, a propósito do estabelecimento de um teatro em Coimbra (cf. Topa 2003). Defendendo a utilidade social do teatro, elogiando o reitor reformista, D. Francisco de Lemos Coutinho, criticando o ensino passadista do direito, o texto revela um pombalismo militante que é de assinalar, destacando-se ainda por outro motivo: a utilização do verso alexandrino, numa época em que se faziam as primeiras experiências na literatura luso-brasileira. Gostaria agora de acrescentar mais alguns elementos desconhecidos, prestando com isso a minha homenagem ao Pedro da Silveira cabouqueiro da literatura açoriana.

O primeiro diz respeito a um epigrama latino em louvor do Marquês de Pombal, publicado em folha avulsa por ocasião da inauguração, a 6 de junho de 1775, da estátua equestre de D. José colocada na Praça do Comércio, em Lisboa. Como é sabido, a estátua, em bronze, é da autoria de Joaquim Machado de Castro e está erguida sobre um elaborado pedestal em pedra, tendo na frente um medalhão representando o Marquês de Pombal. Vejamos o texto latino, acompanhado em nota de uma proposta de tradução minha:

*Illustrissimo ac Excellentissimo Domino, Domino Sebastiano Josepho Carvalio Mellio, Oeyrensi Comiti, Pombalensi Marchioni, Administrorum Maximo, &c. &c. &c. quo curante, Josephi Primi, I. P. F. Statua Equestris in Foro ponitur.*

*Epigramma.*

*REGIS ut extremum duraret Nomen in ævum,  
Perpetuumque scopum noster haberet amor;*

*Hanc curat Molem procudi ex ære SEBASTUS,  
Quæ ferat AUGUSTI Nomen et Ora VIRI.*

*Sic quem jam Notum fecisti ad sidera REGEM,  
Nunc Im[m]ortalem, MAGNE SEBASTE, facis.*

Joannes Cabralius Mellius,  
Insulanus, Baccalaureus<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Ao Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor, o Senhor Sebastião José de Carvalho Melo, Conde de Oeiras, Marquês de Pombal, Primeiro-ministro, &c. &c. &c., por quem foi mandada edificar na Praça a Estátua Equestre de José I, I. P. F./

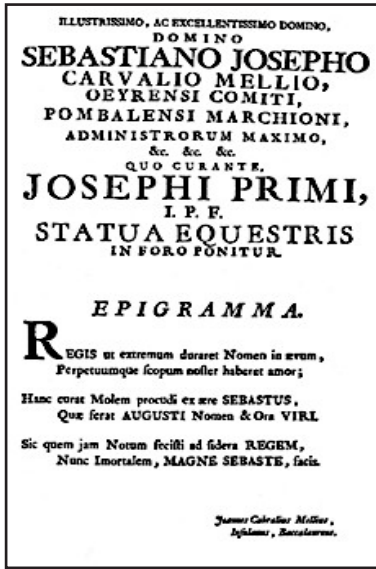


Fig. 1. Reprodução do epigrama  
ao Marquês de Pombal

Fonte: Fotografia do autor

Aos olhos de hoje, tratar-se-á de um poema sem grande interesse, revelando apenas um panegirista idêntico a tantas dezenas de outros que celebraram um acontecimento em que não vemos particular relevância. Não podemos, contudo, esquecer que a poesia (ou a versificação) tinha na época uma dimensão cívico-política que era exercida com particular acuidade nos grandes momentos públicos, quase sempre associados à vida das principais figuras da corte. Nesse sentido, não é irrelevante este poema celebrativo da figura do Marquês de Pombal.

Quanto à dimensão técnica do epigrama, verifica-se que João Cabral de Melo usa, como é habitual neste tipo de composição, o chamado dístico elegíaco, composto por um hexâmetro e um pentâmetro. Contudo, segundo a minha análise métrica<sup>7</sup> — de autoridade muito limitada, dado que sou apenas latinista amador — há falhas na distribuição das quantidades silábicas.

Vejamos agora um segundo caso, constituído por quatro poemas dedicados ao reitor da Universidade de Coimbra, Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho. Os textos fazem parte de um caderno manuscrito de quatro páginas pertencente ao espólio da Real Mesa Censória, depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo: trata-se do documento n.º 2704, guardado na caixa 331. Por razões não imediatamente compreensíveis, a Mesa não autorizou a sua publicação. A decisão vem datada de 22 de junho de 1770, numa altura em que Cabral de Melo era ainda aluno da Universidade

Epigrama.// Para que o nome do REI permanecesse até à última geração/ E o nosso amor tivesse um perpétuo escopo.// Manda SEBASTIÃO que seja forjada do bronze esta Mole/ Que mostre o Nome de AUGUSTO e as Faces do HOMEM.// Assim como já fizeste Conhecido o REI até às estrelas,/ Fazes agora, Ó GRANDE SEBASTIÃO, que ele seja Imortal.// João Cabral de Melo, / Ihéu, Bacharel.

7 v. 1 ~~~~~; v. 2 ~~~~~; v. 3 ~~~~~; v. 4 ~~~~~; v. 5 ~~~~~; v. 6 ~~~~~.

de Coimbra. De facto, a sua frequência de Cânones estendeu-se de 1765<sup>8</sup> a 1771<sup>9</sup>, ano em que obteve a formatura, ao passo que Francisco de Lemos Coutinho foi nomeado reitor em maio de 1770, isto é, no mês anterior ao da decisão da Real Mesa Censória, o que sugere, portanto, que a escrita e o propósito de publicação dos quatro poemas encomiásticos tiveram que ver com esse acontecimento.

Nascido nos arredores do Rio de Janeiro em 1735 e falecido em Coimbra em 1822, D. Francisco de Lemos Coutinho, desempenhou uma série de importantes cargos, entre os quais o de reitor e reformador da Universidade de Coimbra e de bispo da mesma diocese.

Uma vez mais, os poemas não são particularmente interessantes do ponto de vista literário, valendo, contudo, pelo apoio aparente à política reformadora promovida por Pombal e pelo multilinguismo evidenciado pelo autor. Vejamos rapidamente os textos, o primeiro dos quais em português:

*Ao muito Ilustre e Reverendo Senhor, o Sr. Francisco de Lemos de Faria Pereira Coutinho, Desembargador da Casa da Suplicação, Juiz das três Ordens Militares, Deputado da Real Mesa Censória, Vigário Capitular do Bispado de Coimbra e Reitor da Universidade da mesma Cidade.*

*Soneto 1.º*

*Entro no Sacro Templo da Memória  
E nele um Busto vejo de Diamante,  
Em cuja Base, como o Sol, radiante,  
De Francisco se lê o Nome e a História.*

*Ali Ministro inteiro com notória  
Retidão ouve e julga o Letigante;  
Ali Prelado sábio e vigilante  
Busca do Povo o bem, de Deus a glória.*

*Confuso estou porém de ver que deste  
Sempiterno papel (que grande exemplo!)  
A maior parte ainda em branco reste;*

*Mas enquanto assustado isto contemplo,  
« – Não te aflijas, me diz boca Celeste,  
Que cedo se há de encher o Busto e o Templo».*

<sup>8</sup> A sua assinatura, com a data de 1 de outubro, figura no respetivo livro de matrículas (AUC. *Matrículas*, IV / 1.ª D / 1 / IV / 36, fl. 412v).

<sup>9</sup> A 28 de junho de 1770, foi aprovado «nemine discrepante» (com a concordância de todos) como bacharel em Cânones (AUC. *Actos e Graus*, IV / 1.ª D / 1 / 2 / 49, fl. 78r) e, a 8 de julho do ano seguinte, obteve a formatura em Leis, com a informação «não foi penitenciado, foi por todos aprovado nemine discrepante» (AUC. *Actos e Graus*, IV / 1.ª D / 1 / 2 / 49, fl. 121r).

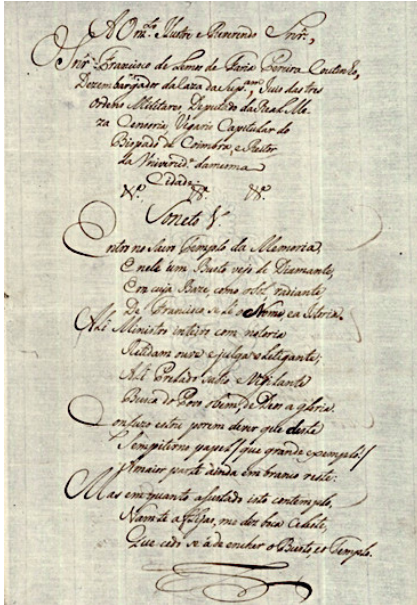


Fig. 2. Folha do manuscrito da Torre do Tombo  
Fonte: Arquivo Nacional da Torre do Tombo

O seguinte é composto em italiano e, feitos os devidos acertos ortográficos, apresenta a seguinte feição:

2.º

Cingers'io vidi il suo bel crin' d'alloro  
Il biondo Padre delle Sacre Muse,  
E colle mani ammaestrate ed use  
Una cetra ferir d'avorio e d'oro.

Uscivano le Bestie al suon' Canoro  
Dalle tane ove stavansi<sup>10</sup> rinchiuse,  
E le piumate schiere udian<sup>11</sup> confuse  
Il divino cantor<sup>12</sup> ne' campi loro.

Ma la voce del ciel' (chi'l crederia<sup>13</sup>!),  
In vece di destar il piacer mio,  
Por<sup>14</sup> soltanto destò l'invidia mia.

<sup>10</sup> Parece haver lapso; a forma correta seria, talvez, *stavano*.

<sup>11</sup> Também parece existir erro; o correto seria provavelmente *udivano*.

<sup>12</sup> No original, *contor*, certamente por gralha.

<sup>13</sup> Parece haver aqui um aportuguesamento: a forma de condicional deveria ser *crederebbe*.

<sup>14</sup> Também esta forma carece de justificação.

*Così trattomi innanzi a questo<sup>15</sup> Dio,  
«- Cessi, Apollo (esclamai) tant'armonia,  
Che voglio celebrar Francesco anch'io»<sup>16</sup>.*

Como se vê, para além de uma série de problemas linguísticos — que podem ser da cópia e não da responsabilidade do autor —, o soneto não apresenta nenhum interesse literário. O mesmo acontece com o seguinte, em francês, embora este tenha duas particularidades técnicas interessantes: o ser feito em alexandrinos e o recurso, nos tercetos, a um esquema rimático menos comum (CCD/EDE). Vejamos então o texto:

3.º

*L'Éternel avoit vu dès son Trône éclatant  
Le Portugal plongé dans la vile ignorance,  
Et pour le retirer d'un désordre si grand,  
Il choisit de François la sage expérience.*

*Aussitôt ce Héros dont le noble talent  
Fixe l'amour du monde antique l'espérance,  
Des rives du Brésil, son illustre Orient,  
Vole à planter chez nous le goût et la science.*

*Les Beaux-Arts à sa voix vont descendre des cieux ;  
Et les utiles Droits reprennent sous ses yeux  
L'état dont ils brilloient du temps de nos Ancêtres.*

*Que nous sommes heureux après de tant d'alarmes !  
On nous verra bientôt exceller dans les Lettres,  
Comme on nous vit jadis exceller dans les Armes<sup>17</sup>.*

O último poema é um epigrama latino, também sem interesse de maior:

<sup>15</sup> A forma correta seria *questo*.

<sup>16</sup> Proposta de tradução: Cingir-se eu vi de louro a bela crina/ O loiro Pai das Sacras Musas,/ E com adestradas e afeitas mãos/ Uma cítara ferir de marfim e d'ouro.// Ao som melodioso iam saindo as feras/ Das tocas onde estavam encerradas,/ E confusas ouviam as plúmeas tropas/ O divino cantor nos campos seus.// Mas a voz do céu (quem o diria?)/ Em vez de despertar o meu prazer/ Somente acorda a inveja minha.// Assim diante deste Deus me apresento:/ «- Cesse, Apolo (exclamei), tanta harmonia,/ Que também eu celebrar quero Francisco».

<sup>17</sup> Proposta de tradução: O Eterno tinha visto a partir do seu trono resplandecente/ Portugal submerso na vil ignorância,/ E para o retirar de tão grande desordem,/ Escolhe de Francisco a ponderada experiência.// Logo este Herói em cujo nobre talento/ O amor assenta a esperança do mundo antigo,/ Das margens do Brasil, seu ilustre Oriente,/ Voa a implantar entre nós o gosto e a ciência.// À sua voz, as Belas-Artes vão baixar dos céus;/ E os úteis Direitos recuperam sob o seu olhar/ O estado em que luziam no tempo de nossos Antepassados.// Como somos ditosos depois de tantos cuidados!/ Em breve nos verão brilhar nas Letras,/ Como nos viram já brilhar nas Armas.

*Epigramma.*

*Quum video Ingenium, celsissime Rector, et Artes  
 Quis nunc Lysiaco<sup>18</sup> præditus Orbe micas;  
 Quid mihi Divinum (soleo exclamare) Platonem,  
 Quid septem jactas, Græcia vana, Sophos<sup>19</sup>?  
 Sic Græcos Lusus doctrina excellit, ut illos  
 Jure homines dicas, hunc docuisse Deos<sup>20</sup>.*

À semelhança do que dirigiu ao Marquês de Pombal, também aqui João Cabral de Melo recorre ao dístico elegíaco, embora me pareça haver falhas na distribuição das quantidades silábicas<sup>21</sup>.

O terceiro conjunto também está contido num manuscrito, desta feita pertencente à biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa. Ocupa o fl. 36 do Ms. 540 da Série Vermelha, tratando-se de um grupo multilingue de curtas inscrições para um quadro do bispo de Évora, D. Fr. Manuel do Cenáculo de Vilas-Boas (Lisboa, 1724 – Évora, 1814). A figura deste religioso franciscano é bem conhecida: para além das suas funções religiosas (confessor do príncipe herdeiro, bispo de Beja e arcebispo de Évora) e de professor em Coimbra, integrou a Junta Reformadora da Universidade, presidiu à Real Mesa Censória, animou tertúlias e fundou bibliotecas públicas.

Os textos de Cabral de Melo que estão em causa referem-se a um retrato de Cenáculo como bispo de Beja, título atribuído em março de 1770, ocorrendo a sagração a 28 de outubro do mesmo ano. Há um retrato do prelado feito por António Joaquim Padrão que pertence ao Museu Rainha D. Leonor, de Beja, e que data de 1771. É possível que os textos do poeta açoriano se refiram a essa obra.

Vejamos então os poemas:

*Epigrafe ou Inscrição que para o Retrato do Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor D. Frei Manuel do Cenáculo, Bispo de Beja, do Conselho de Sua Majestade Fidelíssima, Mestre e Confessor do Sereníssimo Príncipe da Beira, Presidente da Real Mesa Censória, e<sup>a</sup> e<sup>a</sup> e<sup>a</sup> compôs e dedica ao mesmo Excelentíssimo Prelado o Bacharel João Cabral de Melo*

<sup>18</sup> De Lísias, um dos dez oradores áticos (c. 459 a.C. – c. 380 a.C.).

<sup>19</sup> Filósofos e estadistas que terão vivido no século VI a.C. De acordo com a primeira lista, que aparece no *Protágoras* de Platão, seriam eles Tales de Mileto, Pítaco de Mitilene, Sólon, Bias de Priene, Cleóbulo de Lindos, Míson de Cene e Chílone de Lacedomónia. A lista tem, contudo, variado, sendo comum encontrar Periandro no lugar de Míson.

<sup>20</sup> Proposta de tradução: Quando vejo, magnífico Reitor, o Engenho e as Artes/ De que agora rodeado brilha no Orbe de Lisíaco/ Por que, ó vaidosa Grécia (costumo exclamar), me atiras/ O divino Platão, por que me atiras os Sete Sábios?/ O Luso tanto ultrapassa os Gregos em instrução que com razão/ Podes dizer que estes são homens e que aquele ensinou os Deuses.

<sup>21</sup> v. 1 ~~~/~~~//~~~//~~~//; v. 2 ~~~//~~~//~~~//~~~//; v. 3 ~~~//~~~//~~~//~~~//; v. 4 ~~~//~~~//~~~//~~~//  
 ~~~//; v. 5 ~~~//~~~//~~~//~~~//; v. 6 ~~~//~~~//~~~//~~~//.



em S. Miguel, alcançando reconhecimento como juriconsulto. O poema de Cabral de Melo é uma ode bilingue, em latim e português, com os textos lado a lado:

*Ao Doutor Vicente José Ferreira Cardoso da Costa  
Pelo Doutor João Cabral de Melo, Advogado d'Angra*

*Ode*

*Illustrissimo Viro  
Eximioque Senatori  
Vicentio Josepho Ferreira Cardozo  
/\*Dimino/ suo Colendissimo  
Joannes Cabral de Mello.*

*O[ferece], C[onsagra], D[edica]*

*Ode*

*Tam satis famæ solidæque laudis  
Ore Vincenti calamoque docto,  
Lysiæ, pro tot meritis repensus  
Turpe dedisti.*

*Assaz de fama já, Vicente Ilustre,  
De sólido louvor, por voz e pena,  
A Lísia deste, de serviços tantos  
Indignamente pago.*

*Viribus quantis prope jam recentem  
Niteris Lusam retinere molem  
Ne notha forsán redeant nefanda  
Secula virga!*

*Quantos esforços, por ter mão, fizeste  
No já cadente Lusitano Império,  
De modo que voltasse o tempo infundo  
D'algum bastardo cetrol!*

*Degener proles nequit intueri  
Fervidos soles oculis refixis;  
Hinc novas ultro meliøre quæris  
Alito sedes.*

*Não sofre os raios, não, do sol ardente  
Nem nele os olhos fita Águia bastarda;  
Vás então procurar novos assentos  
Em mais felizes ares.*

*Nos adis; sic Dii voluere; tanto  
Munere inflati, neque jam vel ipsi  
Cedimus Romæ, neque vel magistris  
Orbis Athenis.*

*Vieste para nós; qui-lo a Fortuna;  
Soberbos de uma dádiva tão grande,  
Nem a Roma cedemos, nem à mesma  
Mestra do mundo, Atenas.*

*Tendimus dexteras faciles, amicas*

*Damos amigas mãos, ávidas, prontas*

*Adveno<sup>25</sup> illustri; modo siste gressum  
Ibimus tecum super Astra, fiat  
Sors tua nostra<sup>26</sup>.*

*Ao Estrangeiro ilustre; oh! Para, para!  
Brilhar[e]mos contigo, e será sempre  
A tua sorte a nossa.*

## EPÍLOGO

Concluindo esta modesta homenagem à memória de Pedro da Silveira, resta-me esperar ter cumprido um preceito mínimo: da mesma forma que o verdadeiro reconhecimento a um poeta deve ser feito pela poesia, também a valorização de um investigador só tem sentido através da investigação. Lamento apenas que, no último ponto, essa tarefa tenha sido cumprida mais à custa de *documentos métricos* que de verdadeiros poemas, para retomar a distinção que o próprio Silveira fez no prefácio à sua *Antologia de poesia açoriana* (1977, p. 9).

## FONTES

### FONTES MANUSCRITAS

#### Academia das Ciências de Lisboa

ACL. *Série Azul*, ms. 151.

ACL. *Série Vermelha*, ms. 540.

#### Arquivo da Universidade de Coimbra

AUC. *Matrículas*, IV / 1.<sup>a</sup> D / I / IV / 36, fl. 412v.

AUC. *Actos e Graus*, IV / 1.<sup>a</sup> D / 1 / 2 / 49, fl. 78r, fl. 121r.

#### Biblioteca Nacional de Portugal

BNP. Cód. 11438.

#### Arquivo Nacional da Torre do Tombo

ANTT. *Real Mesa Censória*, cx. 331, doc. 2704.

## BIBLIOGRAFIA

ANJOS, Carlos Versiani dos, org., 2019. *O velho Cláudio: inéditos da maturidade de Cláudio Manuel da Costa*. Ouro Preto: Editora Liberdade.

<sup>25</sup> Suponho que há lapso no original e que a forma correta será *advenæ*, dativo de *advena*, *æ*.

<sup>26</sup> O texto latino não difere significativamente da versão portuguesa. Mesmo assim, talvez valha a pena apresentar uma proposta de tradução mais literal: Ao Ilustríssimo Senhor e Eminentíssimo Senador Vicente José Ferreira Cardoso, muito digno de ser celebrado pelo seu †// João Cabral de Melo// Oferece, Consagra, Dedicã// Ode// Tanta fama e sólido louvor,/ Sábio Vicente, deste a Lísia através da voz e da pena,/ Sendo indignamente pago/ De serviços tantos!// Com quantos esforços tentas agora/ Manter perto a vigorosa mole lusitana/ Para que não voltem os abomináveis tempos/ De um cetro ilegítimo!// O filho bastardo não pode contemplar/ De olhos fixos os sóis ardentes;/ Busca agora além novos assentos/ em melhor lugar.// Vens para junto de nós; assim o decretaram os Deuses;/ Orgulhosos de tão grande graça, agora não a cedemos/ Nem à própria Roma, nem a Atenas,/ Mestra do Mundo.// Damos afáveis e amigas mãos/ Ao estrangeiro ilustre; para apenas a marcha;/ Iremos contigo além dos Astros,/ E que a tua seja a nossa sorte.

- GASPAR, Gabriel de Abreu Machado, 2020. «*Em inglês brilhaste, em português agora brilhas*»: tradução e circulação das obras de Alexander Pope no mundo luso-brasileiro (1769-1819). Dissertação de mestrado em História, Universidade Federal Fluminense.
- LAPA, Manuel Rodrigues, 1980. Inéditos de Cláudio Manuel da Costa. *Colóquio/Letras*. (57), 45-48.
- MAIA, Francisco de Ataíde Machado de Faria e, 1930. *Um deportado do «Amazonas»: monografia histórica: época liberal nos Açores (1810-1834)*. Ponta Delgada: Tip. Fernando de Alcântara.
- MELO, João Cabral de, [s.d.]. *Epigramma*. Folha avulso. [S.l.: s.n.].
- POPE, Alexander, 1903. *The Complete Poetical Works of Alexander Pope*. Edited by H. W. BOYNTON. Cambridge Edition. Boston; New York: Houghton Mifflin Co.
- SILVEIRA, Pedro da, 1977. *Antologia de poesia açoriana (do século XVIII a 1975)*. Seleção, prefácio e notas de Pedro da SILVEIRA. Lisboa: Livraria Sá da Costa.
- TADEIA, Helena R. Duarte, 2013. *Contributos para o estudo da coleção de pintura do Museu Rainha Dona Leonor (Beja)*. Dissertação de mestrado em Estudos do Património, Universidade Aberta, Lisboa.
- TOPA, Francisco, 2003. O alexandrino e o além dos mares: a propósito de uma epístola a Basílio da Gama. *Terceira Margem: Revista do Centro de Estudos Brasileiros (Adolfo Casais Monteiro)*. (4), 21-32.
- TOPA, Francisco, 2015. Alfredo Troni, doutor de Coimbra, cidadão de Angola. *Revista de Estudos Literários*. 5, 161-188.
- TRONI, Alfredo, 1973. *Nga Mutúri*. Prefácio de M. António. Lisboa: Edições 70.
- Uma obra pioneira da literatura angolana. *A Província de Angola*. 1973-06. Luanda, 17-18.

